

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Elvira Lopes dos Anjos

registada em 2008-09-19
por

Cláudia Simões e Susana Pires

Elvira Lopes dos Anjos

Elvira Lopes dos Anjos nasceu no Piódão, a 13 de Fevereiro de 1940. A mãe era Maria dos Anjos e o pai Manuel Lopes dos Santos. Trabalhavam nas fazendas. A mãe morreu quando Elvira tinha apenas 2 anos e o pai quando tinha 10, por isso foi criada com uns tios, no Tojo. Até que aos 21 anos regressou para o Piódão. Sempre trabalhou no campo, desde os 7 anos. Carregou carregos às costas, guardou rebanhos. Foi à escola poucos dias, porque o pai não a podia lá trazer. Com 10 anos já lhe fazia o comer. O marido era do Piódão. Conheciam-se desde pequenos. Casou com 23 anos, vestida com um vestido cinzento e um véu branco. Tiveram seis filhos, “todos em casa”. Agora passa os dias no Piódão, não lhe falta o que fazer, divide o seu tempo entre a fazenda e as cabras.

Índice

Identificação Elvira Lopes dos Anjos.....	4
Ascendência Sem pais aos 10 anos.....	4
Casa Dormia no sótão.....	5
Infância Infância difícil.....	5
Educação "Poucochinhas dias"	7
Namoro "Não tinha pai a quem pedir a mão".....	7
Casamento "Vestido cinzento e véu branco".....	8
Descendência "Todos em casa".....	8
Costumes Memórias de antigamente.....	8
Lugar	14
Quotidiano Muito para fazer.....	15

Identificação *Elvira Lopes dos Anjos*

O meu nome é Elvira Lopes dos Anjos. Nasci no Piódão, a 13 de Fevereiro de 1940.

Ascendência *Sem pais aos 10 anos*

O pai tinha de ficar

A minha mãe era Maria dos Anjos e o meu pai Manuel Lopes dos Santos. Os meus pais trabalhavam nas fazendas. O meu pai ficou sem a minha mãe muito novo. Os outros homens iam para Cebola e para as Meãs, para um lado e para o outro e o meu pai tinha que estar na aldeia. Não foi ganhar nada. Quando morreu ainda ficou empenhado, eu tive de pagar, mais o meu irmão, aquilo que ele ficou a dever.

Criada pelos tios

A minha mãe morreu tinha o meu irmão 2 meses e eu tinha 2 anos. E depois morreu o meu pai tinha eu só 10 anos. Depois ainda ficamos menores, levaram-nos lá para o Tojo.

Fui criada com uns tios, uns tios que faziam a gente trabalhar até mais não poder. Muito carregamento às minhas costas. Eram cestas de esterco, era cestos de torga. Eram molhos de esterco, molhos de mato, molhos de lenha. Eram paus ao ombro. Eu estraguei a minha saúde na casa dos meus tios. Roci lá muito molho de mato, fartei-me lá de roçar.

E depois já tinha 21 anos vim embora para o Piódão. E o meu irmão foi para a Borda d'Água, para o Ribatejo. Disse eu assim:

- Tu vais-te embora, eu também aqui não fico. Vou-me embora para o Piódão, para a nossa terra.

E vim.

Casa Dormia no sótão

A minha casa era pequena, só tinha um quarto, a cozinha e a sala. Dormia-se, às vezes, no sótão. Subia-se uma escada e dormia-se no sótão. E o meu irmão dormia no quarto. Os meus pais já tinham morrido.

Infância Infância difícil

Criada na miséria

Antigamente, cultivava-se tudo. Não se comia de outro lado. Era só alguma coisa que dava a fazenda, feijão, batatas. A gente cultivava a terra toda. Não estavam essas "matilhas"¹ como agora está. Cultivava-se muito milho e depois a gente cozia as broas, de uma semana até à outra. Cozia-se todas as semanas porque moía-se o milho e fazia-se farinha. Havia cá muitos moinhos. Ainda cá há, mas não têm água.

Para as nossas fazendas mais longe demorava-se uma hora a pé. Ainda se demorava um bocado porque é longe. Para cima ainda se demorava mais. Agora está tudo relva. A gente não pode cultivar. Agora já cá vêm vender tudo. Haja dinheiro. O dinheiro é que é pouco. A terra dá muito trabalho, tem de se schar, tem que se empalhar, tem que se enleirar, tem que se regar, regar, regar até se apanhar o renovo. O renovo era o milho, as batatas e os feijões. Dão muito trabalho as nossas terras. Há quem só sache e não empalhe, mas nós aqui temos de empalhar.

Também tivemos sempre gado. Em primeiro eram ovelhas. O meu pai tinha ovelhas e eu era pequenina, mais o meu irmão, levávamo-las a uma quinta, chama-se o Soito Escuro, para cima do Torno. Dormíamos lá quando era Verão, numa palheira. E depois tinha-se lá o gado, tinha-se os animais nessas lojas. O meu pai fazia o comer no caminho, onde se passava para o Torno porque tinha lá as palheiras, com umas copeiras. Deixava lá a panela de um ano para o outro para cozinhar. Era uma panela de barro. Deixava nessa copeira, de Verão, no tempo da sacha. De Inverno cozinava em casa. Morava-se aqui no Piódão, vinha-se cá

¹mato

dormir. O que é vinha-se de noite "pia cima"² e ainda se ia "pia baixo"³ lá para o Torno, para o mato. Roçava-se muito molho de mato.

Então depois dormíamos lá. O meu pai punha-nos a dormir na palheira e ele andava lá a trabalhar, a cultivar a terra. Trabalhou muito o meu pai. Vinha botar a água, para uma terra que nós chamamos o Vale, e tornava a ir ter ao Soito Escuro. Nós lá estávamos na palheira.

Quando era de Verão, no tempo das cerejas, nós tínhamos uma cerejeira ao pé da palheira, era já de noite ainda andava no cimo da cerejeira para nos apanhar as cerejas para nós comermos. Era o nosso jantar, que a gente chamava a ceia. Tínhamos uma figueira grande, íamos também apanhar cestos de figos. Quase que comíamos só a fruta, broa e sopa. O meu pai tinha sempre uma leira de couves brancas, cozia-as com as batatas. Também cultivava umas batatitas. Mas a gente não comprava a semente. Era a que ficava de uns anos para os outros. Não havia dinheiro! Os mais iam ganhar dinheiro mas o meu pai não ia. Não tinha dinheiro nenhum, então era só do que dava a fazenda que a gente comia.

Misturava na sopa uma mão de farinha por cima das couves. Migavam-se as couves para uma panela e depois mexia-se a farinha bem mexida nas couves que era para não "umbeliar"⁴ na panela, para não ficar aos torrões. Às vezes, tinha-se de desfazer na colher, com um garfo, ainda tinha de se desfazer bem desfeitinho. Era a mistura da sopa. Agora ninguém comia a sopa assim. Fui criada muito na miséria.

Memórias do campo

Eu era pequenina, tinha aí uns 7 anos e já andava a trabalhar no campo. Trabalhei sempre no campo. Quando vim do Tojo já vinha farta de trabalhar. Lá tinha muitos animais. Tinha ovelhas num curral, tinha cabras noutra, tinha o porco também e tinha galinhas. Apanhei muita molha a botar as cabras. Era uma cabrada. Lá é que vendiam queijos. Iam-se levar a Cebola. Ainda fui lá levar uma data de cestos deles. Lá vendiam-se, aqui na aldeia nunca.

O meu pai quando era do tempo da rega, não havia relógio, ia gritar ao cemitério, que ele regava numa fazendita que chamavam a represa. Era tapada a água às oito horas até às nove, tinha só uma hora. E sendo oito horas era:

- "Tapa a água!"

E ia lá outro:

²por aí acima

³por aí abaixo

⁴ficar com grumos

- "Tapa a água!"

Era assim que a gente fazia.

Nós primeiro íamos gritar ao outeiro. Eu escutava as oito horas porque davam na torre, assim como dá agora. Estando a dar as horas ia lá gritar:

- Olhe tapai a água!

E dali iam tapar. Tapava lá na levada. Estavam já à espera.

A seguir já era de outro. Em passando aquela hora, já era de outro. Aquela água era por horas. São três levadas que a gente tem a correr. São todas por horas. Cada um tem o seu tempo. Então não se pode regar no tempo dos demais. Porque já se sabe, querem regar os donos.

Brincadeiras de criança

Eu nunca tive alegria, mas vinham as minhas colegas e depois andava-se a correr atrás umas das outras. Primeiro não havia brinquedos. Às vezes punham-se umas pedras na mão e viravam-se. E tornavam-se a virar, era assim. As que ficavam nas costas da mão, contavam-se. Diziam que três era pernao, se eram quatro era par.

Primeiro não havia brinquedos. O nosso brincar era trabalhar. Eu nunca brinquei muito porque o meu pai levava a gente. Ele não nos deixava na rua. As mais tinham as mães e andavam mais umas com as outras, mas eu não. A gente não tinha mãe. Eu nunca andei a brincar muito com as outras raparigas.

Educação "*Poucochinhas dias*"

Se fui à escola foi poucos dias. A escola era ao cimo da aldeia, agora está ardida. Meteu-se o lume quando andou no Piódão. Andei muito poucochinhas dias porque o meu pai não me podia lá trazer. Era sozinho a trabalhar e ele não me podia lá trazer. Ele deixava-me a panela ao lume e eu já lhe fazia o comer, com 10 anos. Era muito pequenita. Andei muito poucos dias na escola e não aprendi nada. Não sei nada. Gostava de ter andado, mas também não aprendia muito.

Namoro "*Não tinha pai a quem pedir a mão*"

O meu marido era do Piódão. Conhecemo-nos desde pequenos. Pediu-me em namoro, mas eu já estava sozinha. O nome dele era Carlos Adrião da Silva. Já há uns anos que morreu. Há-de haver uns 14 anos. Eu tinha uns 55 anos. Morreu de uma trombose. As minhas filhas, a minha Ana, já se casou no fim dele morrer

e a minha Lurdes já tinha o filho mais velho. Era pequenino. Acho que ainda não tinha um ano.

Casamento "*Vestido cinzento e véu branco*"

Casei com 23 anos. Ia vestida com um vestido cinzento. Era só um vestido cinzento e um véu branco. Umas meias e uns sapatos. O meu marido levava uma camisa branca de popeline e umas calças e um casaco azul. Era um fato. Sapatos pretos.

A festa foi em casa do meu marido. Foi a minha sogra que fez, lá em casa dela. Depois viemos morar na casa que era do meu pai.

Descendência "*Todos em casa*"

Tivemos seis filhos, todos em casa. O melhor era tê-los em casa. Não tinha ajuda do médico. Era uma tia minha, ela é que foi a parteira deles todos. Um dos bebés fui acabar em Coimbra. Era o Manel. Tive bastante pena dele. Morreu com 4 anos. Já era crescidinho. Já ia comigo para o mato. Tive muita pena dele.

Agora já tenho dois netinhos. Gosto bem deles. Um até é músico. Anda na tuna. E toca muito bem. Este ano foi ele que tocou na festa. Primeiro veio a música, mas depois foi embora e foi ele que tocou. Tem uns 14 anos. O outro é mais novo. Há-de ter uns 6 anos. É o Daniel, o mais novo. E o outro é Gonçalo. É muito alegre.

Costumes *Memórias de antigamente*

O queijo

Eu sei como é que se faziam os queijos. A gente coalhava o leite. Coava-se com um pano para uma panela. Depois botava-se o coalho e estando coalhado, que tivesse soro por cima, fazia-se o queijo. Eu nunca vendi queijos. No Tojo ainda fazia alguns.

O milho a broa o moinho e o forno

O milho apanha-se para casa e depois de estar em casa, debulha-se. Aqui é a dar com um pau, a gente chama uma estaca. A dar com o pau no milho e depois acaba-se de debulhar com as mãos.

Fazíamos três e quatro debulhas. Não era só a família. Tinham de debulhar todos o milho. Agora é que já não. Às vezes, chamavam aí pelo povo. Juntavam-se. À noite é que se debulhava o milho.

Então o que se fazia com o milho era moê-lo nos moinhos, no fim de estar seco. A gente secava-o nuns toldos. No fim botava-se para uma arca. E depois da arca é que ia para os moinhos todo o ano. Estava seco, não se estragava. Depois ia-se moendo e cozia-se.

Os moinhos eram da povoação. Na ponte estão dois moinhos. Está um por baixo do caminho e está outro por cima. Têm as pedras onde se moía a farinha. E há mais "pia cima". Andava tudo a moer. Moía-se muito milho. Havia aí quem tivesse às duas e às três arcas cheias de milho. Gastava-se todo o ano. Fazia-se o fermento, deixava-se sempre de umas vezes para as outras e depois cozia-se todas as semanas.

Tínhamos um forno do povo. O forno andava a cozer toda a semana. Quem tinha família cozia às sete e às oito, até às 12 broas. Quem era só um ou dois cozia menos. Conforme era a gente assim cozia as broas. Não se comia de mais lado nenhum. Quer dizer, também tinha cada um o seu tempo para fazer a farinha, para depois fazer a broa e para cozer nos fornos. Mas nos fornos iam cozer mais do que uma pessoa ao mesmo tempo. Numa broa fazia-se um buraco, noutra fazia-se um belisco, noutra punha-se a mão toda e outras ficavam sem nada e depois já se diferenciavam as broas. Era assim com sinais.

Primeiro era só da fazenda é que se comia. Agora vêm cá vender pão todos os dias. Ao sábado vêm cinco padeiros ao Piódão. Mas primeiro não. Ninguém vinha vender nada. Nem havia dinheiro para comprar. Comia-se era da "lavrança". Era do que a gente se governava.

O porco, a chouriça e a morcela

Na matança do porco, estando bons para se matar, mandavam-se matar. Havia cá quem os sangrasse.

Tinha de dar para todo o ano. Fazia-se bocados. Não ia para o gelo como agora vai. Salgava-se numa salmoeira. Numa arquita pequena. Salgava-se com sal e tapava-se bem a tampa para não irem para lá as varejeiras. Cada dia se tirava um bocadinho. Comia-se branca e tudo. A gente chamava os cobros. Era

aquela carne que se tira o lombo por cima e fica a carne branca por baixo. Era uma carne mais gorda e já se botava menos azeite na sopa. Até dava cheirinho na rua porque os porcos eram criados com a farinha. Agora criam tudo aquilo de depressa, à base de rações.

O porco também dava para fazer enchidos, os chouriços. Primeiro aproveitava-se a tripa dos porcos. Ia-se para a ribeira lavar. A gente despejava-as e lavava-as bem lavadas com sal, botava-lhe folhas de castanheiro e botava-lhe pedras. Tudo bem lavadinho e depois enchia-as com carne. Migava aquela carne mais gorda.

Fazia-se farinheiras, morcelas, que eram aquelas chouriças pretas. O sangue era para fazer essas morcelas e também se cozia. O que coalhava cozia-se numa panela. Dava para comer também. No fim separava-se os presuntos do porco. Vendiam-nos para a ajuda do outro porco que se comprasse.

Castanhas e castanheiros

Também se apanhava castanha e eu tinha muito castanheiro, mas queimou-se-me tudo. Não tenho nenhum. Tinha 14 castanheiros e não tenho nenhum. Já eram velhos e meteu-se o lume nas tocas, assim por baixo da terra, botou abaixo, ficou tudo ardido. Mas já não foi agora, da última queima, foi da primeira. Há-de haver aí uns 20 e tal anos. Já foram duas queimas que aí andaram. E agora desta segunda queima acabou com tudo. Veio até a aldeia.

Ao meu filho, o meu António, foi tudo embora. No parque, tinha lá tudo. Tinha lá dois carros de mão, tinha ainda a carrinha cheia de lenha, ainda nesse dia tinha ido à lenha. Foi trabalhar e quando chegou de trabalhar tinha-se-lhe ido tudo embora. Viu-se sem nada. A lenha e tudo. Foi-se tudo embora. Teve de começar de novo. Tinha lá ferramentas, tinha lá a motosserra e o carro ligeiro. Foi-se tudo embora. Eu fui mais o meu filho a uma palheira, que é onde tenho o gado. Se não vou para lá mais ele queimava-se tudo. O gado já não o tinha. Estava com medo disso e já o tinha trazido cá para o povo. Mas ficámos só na palheira. Era eu a encher a água, em baixo na levada, e ele a deitá-la lá de roda da palheira. Muito a gente lá trabalhou.

Depois queriam que a gente da aldeia fosse toda embora. Se ia tudo embora até as casas se queimavam, chegava a gente à aldeia com tudo abrasado. Mas alguma gente ainda foi para Côja, e para Arganil. Eu não fui. Também queriam que eu fosse, mas eu não fui.

Antigamente não havia assim incêndios. Mais tarde ou mais cedo, torna a ir. Agora ainda é pior, que agora é só lenhas no chão. Está tudo seco.

Sopa de castanha

Por causa das castanhas queimou-se a minha Ana. Na tal casa onde o meu pai estava, onde eu me criei, primeiro tinha um caniço. Um caniço é o forro no tecto, às ripas. Então botávamos lá as castanhas naquelas ripas. Secávamo-las e quando estavam secas pisavam-nas num canastrão. Coziam-se todo o Inverno. Aquelas que tinham mais casca, não é a casca de fora, é uma que tem por dentro, a gente coava-lhe a água e a gente comia assim, descascadas.

As outras fazia a sopa delas. Tirava-lhe a casca com água a ferver. Algumas já ficavam sem casca, daquela por dentro. Era o que a gente comia e era uma comida forte. Alimentava. A sopa de castanha levava arroz. Se a gente lhe queria botar uma mão de arroz, também se lhe podia botar. E botava-se só um bocadinho de sal. Não levava azeite nem nada. Comia-se bem. Muito boa aquela sopa. Se fosse agora não comiam.

Chamava-se gente para cavar as fazendas. E era o que se levava para o almoço, era castanhas. E azeitonas. As azeitonas curtidas. Comiam as azeitonas com as castanhas, sardinha frita e couves com batatas. Era assim o almoço.

A azeitona

Das azeitonas também se fazia azeite. No Piódão havia dois lagares, mas já há muito tempo que não trabalham. Agora já estão caídos para dentro. Ia-se lá moer a azeitona. Fazia-se lá o azeite naqueles lagares e era bom. Era bom porque era o puro da azeitona. Não levava óleos, não levava misturas nenhuma. Agora não há azeite nem há nada. Queimou-se tudo. Tem a gente que o comprar. Se quiser comer tem que a gente comprar tudo. É uma miséria, foi-se tudo embora.

Medronhos e aguardente

Também se apanhavam medronhos. Para fazer aguardente. Botava-se numa dorna para curtirem. Depois botava-se uma pinga de água em toda a volta da dorna. Deixava-se estar, aí por Janeiro, Fevereiro fazia-se a aguardente. Era nesse tempo que se apanhavam. Já há muitos anos que não apanho medronhos, mas primeiro também apanhava. Há muito tempo que não faço aguardente. Em primeiro ia tudo para essas "matilhas". Tudo apanhar medronho, mas agora não. Também não os há. Queimou-se tudo. Não há medronheiros. Ficámos sem nada.

Roupa lavada

As pessoas na aldeia ajudavam-se e trabalhavam juntas. Não havia dinheiro. Tinha de se pagar com o corpo. Era uma miséria. Também lavavam as roupas juntas, nos ribeiros. Era nas pedras, a esfregar. A gente ajoelhada. Onde era a represa, era aí que se lavava. Depois corava-se, por lá, naqueles relveiros. Estendia-se ao sol, já ficava mais branca um bocado. Era trabalho das mulheres. Cada uma lavava a sua roupa enquanto falavam.

Os santos padroeiros

O santo padroeiro é o São Pedro. É o padroeiro do povo. E a padroeira da freguesia é a Senhora da Conceição.

Já há uns anos que não tinha festa. Fizeram este ano. Aqui a festa dá muito trabalho. Faziam a procissão das velas, da igreja ao cemitério. Ainda fizeram este ano com a Nossa Senhora de Fátima. Levavam os andores, os santos da igreja. Na capela também lá estão três santos, também os trouxeram para baixo. Trouxeram o São Pedro para baixo. E juntaram tudo na igreja. Os bailaricos são depois, para o fim, para a tarde. Eu não ia. Eu nunca dancei. Não me meteu cobiça andar a dançar.

Natal, Páscoa e doces

Eu gosto do Natal. É o dia em que o Menino Jesus nasceu, mas para mim é um dia como os outros.

Pela Páscoa primeiro iam também de procissão até ao cemitério, mas agora não. É um dia mais alegre do que os outros. Há mais fartura. Andam aí a dar as boas festas pelas casas. Vai-se à missa e no fim saem as cruzeiras da igreja. Vão a todas as casas. Vão dar o Nosso Senhor a beijar. E as pessoas também comem melhor. Faz-se mais comida.

Fazia-se a chanfana. A carne de cabra, com batatas fritas ou cozidas. Faz-se a sopa ou canja. Compra-se docinhos. Primeiro faziam-se uns bolitos. Fritava-se umas filhoses. Fazia-se bolos de forno. A gente agora ainda podia fazer, mas eu por mim não faço. E tigelada. A tigelada é com ovos e leite. Batem-se os ovos num tacho. São 12 ovos para 1 litro de leite. Batem-se os ovos num caçoilo.

Bota-se o leite e mexe-se muito bem mexido, leva açúcar até estar doce e bota-se no forno.

Médicos e mezinhas

Quando as pessoas estavam doentes havia cá um senhor Arnaldo e o padre senhor Ilídio que davam remédios. Mas quando as doenças já eram prolongadas mandavam para os médicos. Ia-se para Avô, para Côja e para Vide. Era longe e íamos a pé. Era tudo a pé. Não havia carros, não havia estradas, não havia nada. Tinha-se de fazer tudo a pé.

Quando infectavam os pés coziavam-se malvas e folhas do eucalipto e depois dava-se banhos aos pés. Quando uma pessoa tinha uma dor de cabeça comia uma colherada de mel. Fazia-se chá de sabugueiro e botava-se uma colherada de mel. Era assim que se curavam as constipações. Uma dor de dentes bochechava-se com aguardente e botava-se fora. Depois passava. Quando se tinha uma dor de ouvidos, ia-se a uma mulher que dava leite, mandavam-na botar uma pinguita de leite para dentro dos ouvidos. Sarava.

Sapatos, descalça ou com tamancas

Primeiro ia-se à feira a Avô, à quarta-feira, e à Vide, à segunda-feira, à feira. Fui lá muita vez, a pé. Vendia calçado, roupas e feijões. Primeiro a gente ia aos feijões para se comer. Tinha-se de comprar roupa e calçado para se vestir.

Os primeiros sapatos que vieram para os meus pés eram uns ténis cor de café. Sei bem como é que eram. Foi o primeiro calçado que entrou nos meus pés. Já tinha uns 10 anos. Foi quando fiz a Primeira Comunhão. Andava-se descalça, ia para trás da serra, para os lados de Soito da Ruiva, buscar mato. Primeiro estava tudo desbravado porque havia cabradas. E então não havia mato. Ia tudo descalço. Se calhar com medo que escorregassem ou caíssem.

Outras vezes, levavam umas tamancas, mas as tamancas, primeiro, largavam as brochas. Ai apanhei tanta cocheira, espetavam-se nos pés as brochas e depois criavam. Criavam os pés. Infectavam com as espetadelas. As brochas era para segurar o calçado, estavam espetadas. Mas, às vezes, o raio do calçado largava as brochas, a gente andava descalça e espetava-se nelas. E era assim. Os homens com os tamancos e as mulheres com as tamancas. E outras vezes descalça. Andava a gente mais descalça ainda do que com as tamancas.

O correio

O correio era feito pela Laurinda Gaspar. Era ela e a mãe que faziam o correio. Iam para Pomares levar e trazer as cartas. Mas, na altura, só o meu irmão é que, às vezes, ainda me escrevia.

Lugar

Sem luz nem água

Antigamente não havia electricidade, não havia nada. A iluminação era com uns candeeiritos pequenos. Eram a petróleo.

Punha o candeeiro numa perna e era a coser, a coser, a coser. Dei muito ponto, dei cabo dos olhos. Agora não vejo. Eu bordar nunca bordei, nem fazer renda, mas cosia a roupa, os rotos. Tinha de remendar.

Não tínhamos televisão. Antigamente debulhava-se feijões e o milho, quando era o tempo dele, e ia-se para a cama. Estava-se à lareira, até às dez horas, chegava o sono e ia-se para a cama.

Também não havia água canalizada. Ia a gente buscar às fontes. Eu ia à fontinha, onde agora está o lavadouro, buscar a água. Ia ao chafariz, à fonte, chama-se a Fonte Nova, quando queria água de manhã para lavar a cara. Tinha que a gente ir buscá-la ou lavá-la lá. E não havia casa de banho. Era aí pelos campos.

"Gosto do Piódão"

Acho que a minha aldeia se chama Piódão porque fizeram umas casas mais para baixo da aldeia e depois é que vieram para cima. Eram as Casas Piódão, mas depois vieram andando para cima, e começaram a fazer as casas mais para cima, então começaram a chamar também de Piódão.

Eu gosto do Piódão. É a minha terra. É onde tenho as minhas coisas. As minhas fazendas, os meus terrenos. Sempre gostei de estar no Piódão. Quando estive no Tojo era como quem me arrancava os dentes da boca. Não gostava de lá estar. Não era a minha terra. Mas obrigaram-me a ficar.

Quotidiano *Muito para fazer*

No Piódão, passo bem os dias. Não me falta o que fazer. De manhã vou para a fazenda. Depois vou dejejuar as cabras. Arranjo o almoço e como. Durante a tarde faço o jantar, pelo menos a sopa. E depois vou botar as cabras para a rua.

Agora já não faço queijo. Só uma é que dá leite. Tomo-o no café. Eu gosto daquele leite, com uma pinguinha de água e miga-se-lhe a broa. É bom. O resto come a cadela. E é assim, não dá para o queijo. O meu rebanho é pequeno. São só três cabras. Não pode ser um rebanho grande.